



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA
LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA
INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS
BACHARELADO EM HUMANIDADES**

DARLEI RAMOS SACRAMENTO

**CANDOMBLÉ E A MORTE:
UM ESTUDO SOCIOANTROPOLÓGICO DO CULTO AOS EGÚNS EM UM
TERREIRO DE SANTO AMARO-BA.**

São Francisco do Conde

2018

DARLEI RAMOS SACRAMENTO

CANDOMBLÉ E A MORTE:
UM ESTUDO SOCIOANTROPOLÓGICO DO CULTO AOS EGÚNS EM
UM TERREIRO DE SANTO AMARO-BA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Bacharelado em Humanidades do Instituto de Humanidades e Letras da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Humanidades.

Orientadora: Prof. Dr. Marlon Marcos Vieira Passos.

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2018

DARLEI RAMOS SACRAMENTO

**CANDOMBLÉ E A MORTE: UM ESTUDO SOCIOANTROPOLÓGICO DO CULTO
AOS EGÚNS EM UM TERREIRO DE SANTO AMARO-BA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Bacharelado em Humanidades do Instituto de Humanidades e Letras da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Humanidades.

Data de aprovação: 29/10/2018

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Marlon Marcos Vieira Passos (Orientador)

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - Unilab

Profa. Dra. Ana Claudia Gomes de Souza

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - Unilab

Prof. Dr. Bruno Amaral de Andrade

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - Unilab

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	8
2. TEMA.....	12
3. PROBLEMÁTICA.....	12
4. OBJETIVOS.....	13
5. JUSTIFICATIVA.....	13
6. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	15
7. ARCABOUÇO TEÓRICO.....	16
8. CRONOGRAMA.....	19
9. REFERÊNCIAS.....	20

1. INTRODUÇÃO

“O morto amado não cessa de morrer”

Mia Couto, Um Rio Chamado Tempo

Essa proposta de pesquisa busca realizar um estudo socioantropológico sobre um dos cultos primordiais para a existência do calendário litúrgico das religiões afro-brasileiras: o culto aos egúns e egunguns¹, que é realizado nos terreiros de candomblé da Bahia e do Brasil. Irei me deter, fundamentalmente, a um terreiro da cidade de Santo Amaro, no recôncavo baiano. Os estudos direcionados ao culto aos egúns no Brasil estão voltados para os legados iorubanos, no chamado candomblé nagô, como atesta Juana Elbein (2012). Para esta antropóloga de origem argentina, mas radicada há anos na Bahia, o culto aos egunguns é fortemente marcado no Terreiro Agboulá, na Ilha de Itaparica-Ba, local de grande expressão para a efetivação destes modelos religiosos baseados na ancestralidade de tradição iorubá.

O Ilê Agboulá, o candomblé de Egúngún da Ilha de Itaparica, como afirma BRAGA (1995), é o mais tradicional terreiro de Babá Egún do país. Foi fundado por Eduardo Daniel de Paula, juntamente com seus familiares em Ponta de Areia, na Ilha de Itaparica, na Bahia, hoje chamado de Bela Vista. As celebrações religiosas neste segmento, diferenciando-se dos cultos aos orixás, se direcionam e reverenciam ao Babá Agboulá, Egúngún patrono da casa. Onde segundo SANTOS e SANTOS (1969), é um ancestral de origem nagô trazido para a Bahia entre os anos de 1820 e 1935, período que foram fundados os principais terreiros desta natureza no Brasil. Tendo assim o continente africano como base mítica para tal celebração. Até os dias atuais mantêm-se vivas as tradições de seu culto com as referências de sua matriz mesmo fora de sua terra natal.

Para SANTOS (2012) o culto a Egúngún mantém viva a memória daquele ser venerado, envolvido em toda uma tipologia sagrada. Suas celebrações são lideradas apenas por homens, os quais recebem o título de Ojé². Conservando seus principais fundamentos, costumam dar roupa paro o Esá (nome dado aos primeiros ancestrais afro-brasileiros), que se faz presente no

¹ Egúngún, nome dado aos ancestrais cultuados na ilha de Itaparica; seguindo as tradições africanas são espíritos de grandes personalidades afroreligiosas, que pertencem a linhagens familiares consanguíneas ou não, e são cultuados no terreiro, ganhando sua Roupas ritual. Não se manifestam em seus descendentes, como acontece com os orixás, o fenômeno de ganhar Roupas promove um tipo de ritual onde o espírito ocupa o espaço vazio no interior da Roupas Ritual que identifica a presença do ancestral adorado nas celebrações a Ele.

² Título/Cargo dado a pessoa que foi iniciado no culto de babá egungun e preparado para cuidar do ancestral e liderar seu ritual, (cargo dado apenas para homens).

espaço sagrado atendendo a invocação através de cânticos e toques específicos. As roupas dadas ao Esá são confeccionadas por tiras de panos coloridos seguindo as cores pertencentes ao orixá que o regia enquanto vivo. SANTOS e SANTOS (1969), defendem que os ancestrais presentes na Ilha de Itaparica, foram trazidos seus nomes e mesmos objetos de veneração de alguns deles do continente africano direto para a Bahia, onde permanecem até os dias atuais.

LUZ (2008) afirma que as ritualísticas ancestrais de linhagem nagô no Brasil, a partir de sua liturgia, visam propor uma vida melhor para seus integrantes, esperando eles um desenvolvimento contínuo de seus caminhos e destino. As celebrações fúnebres podem ser vistas como "*concepções de morte, segredo e tradição que revelam a forma de ver e entender o mundo, ou seja, uma cosmovisão afro-brasileira*" (SANTOS, 2016, p.02).

Os ritos em louvor a Agboulá são realizados anualmente, onde, filhos e filhas da casa se reúnem, tocam, cantam, dançam e fazem oferendas em homenagem ao ancestral. Sendo um dos maiores terreiros deste segmento no estado da Bahia, seus festejos atraem muitos olhares de adeptos, turistas e estudiosos do candomblé.

Para estudar, cientificamente, os aspectos fúnebres englobados numa prática religiosa afro-brasileira, pretendo me fixar ao modelo nagô de celebração à morte ou Iku. Contudo, vale ressaltar que, a temática da morte, em funções religiosas, está presente nas três principais nações³ do candomblé baiano, o ketu /nagô, o congo-angola e o jeje-mahi. Essas nações marcam as ressignificações do culto aos orixás no estado da Bahia, onde destacarei a nação de Ketu, uma vez que é a responsável por maior concentração e predominância na cidade de Santo Amaro, onde se localiza o terreiro que me servirá como sujeito de pesquisa.

Contextualizando a morte, com base num olhar afrobrasileiro, CAPUTO (2011) enfatiza como uma ressignificação do espírito, o qual não parte numa ideia de extinção total do meio dos vivos, mas sim numa perspectiva de mudança de dimensão espiritual, que o permite ir além dos limites físicos e voltar para o meio social em interligação com o terreiro. No culto a Egúngún não há a possessão como já havia dito, o espírito nos chega em sua condição de espírito, vento sagrado, sem usar o corpo dos fiéis.

Comparando a Ilha de Itaparica que, em suas formas de culto buscam manter vivas as memórias dos Esá, uma vez que sua liturgia é voltada para Babá Egúngún, com o Recôncavo

³ Para ver o conceito teológico de nação ver COSTA LIMA (2003); PASSOS (2016)

baiano, onde as ritualísticas aos antepassados se dão através de cumprimentos de atos fúnebres logo após falecimento, depois com 1, 3, 7, 14, 21 anos após a morte da personalidade religiosa. Existem aspectos diferenciadores entre o culto à morte nos Terreiros de Babá e os Terreiros de Nação, candomblés de orixás, inquices e voduns. Os rituais fúnebres nos candomblés de Nação, ritualizam a passagem do espírito do morto do Aiyê ao Orun, como se diz entre os nagô; o morto é celebrado e sua entidade protetora é retirada do seu ori, onde todos os seus pertences rituais serão despachados no mar ou nas matas. Com isso busco entender a sacralização dos eguns em Santo Amaro que está relacionada a práticas candomblecistas que, a depender da nação, são chamadas de axexê (ketu), mucondo (angola) e sirrum ou azirim (jeje). Enfatizarei, nesta proposta de pesquisa etnográfica, as especificidades da nação de ketu.

A obrigação⁴ do axêxê é um ato fúnebre que significa o fim das obrigações para o iniciado que foi a óbito. Com base na tradição afrodiáspórica, é realizado para dar-se um encaminhamento ritual ao espírito. Afirmando uma ideia de continuidade pós falecimento, que através dos procedimentos litúrgicos, o povo de santo acredita conduzir o desencarnado para outra dimensão.

Eu nasci e fui criado em um contexto afro religioso, morando em um terreiro de candomblé, sempre mantive contato direto com calendários litúrgicos anuais de celebrações aos orixás, onde surgiu minha inquietação com o tema abordado.

Meu pai Denivaldo Sacramento é babalorixá⁵ e líder do Ilê Axé Omo Odé, terreiro localizado na cidade de Santo Amaro, onde a minha mãe biológica Ana Raquel, juntamente com ele, na intenção de dar continuidade a tradição religiosa familiar, decidiram me iniciar quando ainda criança, com idade de 10 anos, junto com meu irmão Darlan Sacramento (11 anos). Seguindo as normas tradicionais, um sacerdote afro não pode introduzir seu próprio filho biológico no culto aos orixás, com isso fui iniciado por Gilson Da Cruz (Pai Gilson), que comanda o Ilê Axé Omorodé Lonin Omorodé Oluaiê, terreiro do qual também faço parte.

O terreiro de Pai Gilson tem seguimento Nagô com o culto aos orixás, tendo algumas influências da nação angola por conta de sua linhagem espiritual, também realiza festejos aos

⁴ Termo usado cotidianamente nos terreiros para expressar os compromissos religiosos que os indivíduos têm, atendo-se às renovações de voto espiritual.

⁵ Sacerdote do culto dos orixás no Brasil, nomenclatura iorubana pertencente a nação de ketu.

caboclos e ao inquite como Kitembo. Seguindo as normas e honras africanas, os terreiros de candomblé, em momentos fúnebres da desencarnação de um adepto, promovem o axêxê, como acontece no Ilê Omorodé, ou suas variantes em acordo a cada nação e as práticas específicas. Este está voltado ao que significa o fim das obrigações.

Convivendo por 10 anos no interior do Omorodé, acompanhando suas práticas internas e externas, surge minha inquietação ao estudar uma prática individual de valorização ancestral. Pai Gilson afirma que “para além dos antigos ancestrais masculinos africanos venerados no interior da Ilha de Itaparica, também devemos manter vivo o nome de todos aqueles que nos antecederam em nosso caminhar religioso. É cultuar também os ancestrais da nossa Família de santo.”⁶

Com uma variante particular, o Ilê Omorodé, promove anualmente ou a cada dois anos, uma espécie de axêxê que contrariando um ato fúnebre de despedida, traz um significado de veneração (prática particular do terreiro). Ao acompanhar e participar deste axêxê, percebi uma divergência em comparação ao culto de Babá Egum da Ilha de Itaparica, descrito por nomes como Juana Elbien, Mestre Didi, do culto do Ilê Axipá por Marco Aurélio Luz e também do culto de Babá Egum por Cassio Santos . O nosso não tem a prática de dar roupa que mostrar a presença do ancestral ao público presente no ritual. Acontece dentro da casa apropriada aos espíritos, onde só o Babalorixá e ogans participam. Segundo Elbien, só homens que não viram no santo (manifestam) podem entrar na casa do segredo, assim, me proponho estudar como que pai Gilson, homem iniciado para a incorporação, pode adentrar a este local reservado a ogans com cargo de ojé?

Ao deparar-me com as práticas ancestrais nesta casa em períodos de longos anos, encontro uma necessidade social que envolve toda a nossa comunidade afro-religiosa, em investigar o porquê de uma recriação litúrgica em torno da morte, uma vez que busco analisar como surge este culto, será um segmento de linhagem? Busco entender se seria uma necessidade particular de Pai Gilson em recriar um culto com especificidades em sua casa, percebendo que nos terreiros tradicionais do candomblé de eguns apenas espíritos de homens são venerados, enquanto pai Gilson busca a quebra do patriarcado no interior de sua casa, onde espíritos de homens e mulheres são venerados no seu axêxê.

⁶ Anotações do diário de campo para elaboração do projeto de pesquisa

Pai Gilson afirma que no interior de sua casa esses eguns são sacralizados de forma a estarem presentes nas tomadas de decisão assim como os orixás. Sua permissão é quem norteia os acontecimentos da casa, onde, para iniciar qualquer procedimento é preciso pedir licença primeiramente a ancestralidade. O que gera uma certa curiosidade sendo um terreiro que se dedica ao culto dos orixás, manter viva uma tradição afrodiásporica recriando-o com uma teia de significados, onde pai Gilson acreditar ser um alicerce para a existência de sua casa, sua liturgia e encaminhamento de seus filhos.

Ao pesquisar etnograficamente o Ilê Omorodé, pretendo apontar a importância de tal culto, ressaltando suas diversidades e ressignificação no âmbito da Liderança de um sacerdote com 46 anos de idade, 21 de iniciado e 15 de sacerdócio. Pai Gilson foi iniciado o Ilê Axé Yá Omã na pessoa de mãe Lídia Queiroz, da qual herdou o terreiro de Valeriana Lopes.

Pai Gilson, com toda sua sabedoria, recria em seu Ilê (casa), uma consagração a qual mantém viva e conservada a memória de seus antepassados, sendo respeitados por todos integrantes da casa. Celebrando e cultuando a ancestralidade de tal forma o Ilê Omorodé nos abre oportunidades de análises epistêmicas e sociais das possíveis formas de manter vivas as culturas tradicionais religiosas afrobrasileiras. Apontando caminhos para um entendimento das profundidades e legados religiosos negroafricanos no Brasil, que é fortemente visto nos fundamentos do sistema religioso e cultural do universo iorubano.

2. TEMA

Esta proposta de pesquisa, busca entender as relações do povo de santo com a morte, a partir de uma conceituação ressignificada à luz de tradições ancestrais africanas, especialmente, as advindas da cultura iorubana. Propõem investigar as formas de cultos destinadas à ancestralidade, analisando os métodos fúnebres dentro do terreiro Ilê Omorodé (Santo Amaro -Ba), numa tentativa de tradução socioantropológica de alguns aspectos que marcam a complexidade das religiões afrobrasileiras frente às temáticas da morte e seus mistérios.

3. PROBLEMÁTICA

Esta proposta visa conhecer, numa perspectiva etnográfica, os rituais de culto aos Egúns ancestralizados do Ilê Axé Omorodé, que abrem o calendário anual desta casa, buscando

entender suas especificidades históricas e antropológicas em comparação com outras manifestações desta mesma natureza em diferentes terreiros de candomblé e os de Babá Egum.

4. OBJETIVOS

- **Objetivo geral**

Estudar, em uma perspectiva socioantropológica, o culto ancestral dos terreiros de candomblé, ratificado como ritual secreto por alguns autores, sendo considerado assim na sociedade por cultuarem a morte. Mostrando a diversidade do universo cultural e religioso afrobrasileiro por meio de um viés restrito ao povo de santo.

- **Objetivos específicos**

- Entender a ressignificação da morte através da consagração dos Eguns mantendo viva a tradição negroafricana no Brasil.
- Analisar a liturgia afroancestral no Ilê Omorodé a fim de dar maior visibilidade ao universo cultural religioso iorubano no Recôncavo baiano.
- Contribuir, cientificamente, para a discussão ancestral com um olhar direcionado aos terreiros, a fim de estimular novos trabalhos em torno do sujeito religioso aqui estudado.

5. JUSTIFICATIVA

“Mas que não se lamentem os mortos:
eles sabem o que fazem.”

Clarice Lispector

A relevância social e científica da presente proposta de pesquisa, se debruça numa tentativa de dar visibilidade a uma realização afrorreligiosa a qual foi restrita da sociedade por realizar uma forma de culto a morte. Elemento que segundo filhos e filhas de santo, causa medo em pessoas de fora de terreiro e até mesmo no povo de santo, pelo fato de não manterem um conhecimento específico de suas práxis e significados, onde terminam enfatizando um pensamento assombroso sobre o ato.

Estudar o culto dos eguns no Omorodé oportunizará, socialmente, o entendimento das pessoas sobre essa forma de culto, qual é temido por muitos. O não conhecimento ritualístico em homenagem aos desencarnados, acaba gerando sensação de medo nas pessoas segundo Pai Gilson. Assim como afirma Santos e Santos (1969) que o culto aos eguns é visto como uma realização secreta por cultuarem a morte.

É importante ressaltar também que ao estudar aspectos afroreligiosos no recôncavo da Bahia irá contribuir de forma significativa para expandir conhecimentos sobre saberes embutidos na herança cultural africana no Brasil, uma vez que, os grandes estudiosos da área tem um olhar muito repousado na Ilha de Itaparica, por ser o terreiro de maior prestígio no culto ancestral. Esta pesquisa busca direcionar as atenções também para as menores casas que se mantêm vivas no interior brasileiro.

O importante é evidenciar algumas formas de resgate e recriação da cultura negroafricana no Brasil, analisando as subjetividades existentes nas formas de referendar o culto, considerando as práticas de cada terreiro, promovendo novas leituras e debates que busquem outras atenções, para outros terreiros que não sejam tão somente o Babá Agboulá, de Itaparica.

Celebrando e cultuando a ancestralidade de tal forma, o Ilê Omorodé nos abre oportunidades de análises epistêmicas e sociais das possíveis formas de manter vivas as culturas tradicionais e religiosas afro-brasileiras.

6. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Segundo (CAPUTO 2011) existem maneiras diferentes de homens e mulheres se relacionarem com a morte, relacionando este fato a terreiro de candomblé, “ esta pesquisa se pretende etnográfica, voltada a desvendar as teias de significados (GEERTZ 1989, *apud* PASSOS 2011) presentes no terreiro Omorodé, quando, a partir do método qualitativo de pesquisa me guiarei a estudar o tema proposto.

Debruçado no método qualitativo, utilizarei de entrevistas, observação participante, anotações em diário de campo, convivência com seus membros, em períodos fora e dentro do calendário litúrgico (festas públicas e internas), para analisar como é cultuar e reverenciar a ancestralidade baseando-se numa cosmovisão africana a partir de quando ressignificam a morte e a recriação de um culto no Brasil, especialmente na Bahia.

Em primeira instância, utilizar de um levantamento bibliográfico, com leituras e fichamentos de autores que abordam a temática das religiosidades africanas no Brasil. Sistematização das ideias importantes que dialoguem sobre os eguns e Egúngún.

Seguido da coleta de dados na pesquisa de campo, onde realizarei entrevistas abertas e semiabertas, em questionários pontuais, ligado a um contexto direto com o culto na comunidade Omorodé e em outras comunidades religiosas também. Farei descrições entre a devoção presente no culto dos os orixás e as reverências aos ancestrais. Entrevistas e questionários serão aplicados diretamente ao líder religioso e todos os filhos e filhas da casa. Contando também com uma observação participante, onde, realizarei uma etnografia, vivendo e convivendo no terreiro em prazo de 1 ano, na busca de acompanhar os festejos direcionados a Egum e celebração fúnebre (se houver no período da pesquisa, se não, me guiarei através da oralidade dos afroreligiosos apenas), e registro em diário de campo sob todos os acontecimentos e informações obtidas durante o tempo de pesquisa, tentando também, registro em arquivo eletrônico se permitido pelo terreiro, arquivos como foto, vídeo, gravações.

Com os moldes ditos acima, pretende-se com esta metodologia, recolher os dados precisos para explicar social e cientificamente o por quê de recriar um culto baseando-se numa particularidade deste terreiro, a partir de quando ele já existe em outras dimensões praticadas nas religiões de matrizes africanas.

7. ARCABOUÇO TEÓRICO

Esta pesquisa se pretende etnográfica, uma vez que busca uma análise sobre a convivência em terreiro de candomblé, tentando desvendar teias de significados embutidos num culto específico do terreiro proposto. Seguindo os métodos desta pesquisa, a convivência no terreiro se guiará de modo etnográfico onde, “ no fazer etnográfico, a teoria está, assim, de maneira óbvia, em ação, emaranhada nas evidências empíricas e nos nossos dados. A teoria e a prática são inseparáveis: o fazer etnográfico é perpassado o tempo todo pela teoria.”(URIARTE, p.171). Sendo realizada no Recôncavo da Bahia, voltada às interpretações da morte em diálogo com o universo iorubano, onde : “os nagô são as ‘nações’ da África Ocidental que causaram as maiores impressões culturais na Bahia. Classificados pela moderna etnologia como iorubá, os nagô foram os portadores de uma tradição cuja riqueza derivou das culturas individuais dos diferentes reinos de que proviam. ” (SANTOS e SANTOS , p .225)

A presente proposta está voltada ao universo iorubá, por se pretender estudar o terreiro Ilê Axé Omorodé Lonin Omorodé Oluaiê, casa de candomblé que desvenda seus saberes ligados a nação de Ketu. No Brasil, existem várias nações sendo praticadas nos terreiros, mas, na Bahia, as três mais praticadas são: ketu, congo-angola e jegi-mahi, uma vez que a nação de ketu tem maior predominância na cidade de Santo Amaro onde será realizada a pesquisa. Os nagôs são responsáveis pela maior impressão cultural e religiosa principalmente no estado da Bahia, afirma Santos que:

A Bahia, situada no litoral atlântico do Brasil, abrigou a maior concentração cultural dos nagô. Juntamente com as casas de culto, muito bem organizadas e onde ainda hoje são preservados os templos e santuários dos orixás, os nagô praticavam ritos funerários elaborados. até hoje seguem cultuando não somente os ancestrais familiares, como também as grandes personalidades que fundaram os cultos na Bahia. (SANTOS , 1992, p. 224)

As formas de culto aos ancestrais, se diversificam a partir das práticas candomblecistas baianas, a Ilha de Itaparica por exemplo segundo SANTOS e SANTOS (1969) é o maior exemplo brasileiro em realizar o candomblé de Babá Egúngún. Tal culto pode ser explicado por Cassio Santos, onde diz que:

O culto aos Egunguns trata de homenagear os ancestrais. Aqui se reverenciam pessoas que uma vez falecidas, ou seja, passadas do mundo terreno Aiyé para o mundo dos espíritos Orun, são investidas da missão de se fazerem presentes novamente em nosso mundo. Santos ressalta que o objetivo elementar do culto de babá egun é tornar visíveis os espíritos ancestrais, manipular o poder que emana deles e atuar como veículo entre a vida e a morte. Além disso, os babás trazem para seus descendentes e fiéis o benefício de sua benção e seus conselho. (SANTOS, 2016,p.05)

Dentre as formas de culto aos ancestrais, está presente o axêxê, que segundo o povo de santo, é uma uma prática fúnebre religiosa, forma de culto que busca encaminhar os desencarnados para sua nova dimensão espiritual. É um rito ligado a morte o qual vem a ser realizado em todos os terreiros de candomblé, em todas as nações que compõem esta religião afro brasileira

Ainda com todo alento nos estudos das religiões de matrizes africanas, afirma Santos (2016,) que "apesar de encontrarmos inúmeros estudos sobre as religiões afrobrasileiras nas mais diversas abordagens e de existirem, dentro da literatura socioantropológica, famosas obras a respeito do culto aos ancestrais, a descrição do culto e, em especial dos seus ritos, do ponto de vista da experiência de adeptos e participantes é ainda incipiente" (SANTOS,2016,P.1). Há um marco importante nesta discussão que é o estudo clássico de Juana Elbein (ver o ano), ali as feições de uma complexa civilização é esboçada e os parâmetros para um entendimento da morte e da ancestralidade entre os iorubanos se faz fundamental para alicerçar teoricamente esta pesquisa.

Em Um Rio Chamado Tempo, uma Casa Chamada Terra , Mia Couto (2002) diz “O morto amado não cessa de morrer”, revelando, talvez, uma agonia e tristeza intermináveis que condenam os que sobrevivem ao ente querido. A perda não cessaria, antes seria revivida constantemente. No cotidiano desses terreiros, a morte não traz nem a agonia e nem a tristeza porque o morto amado volta para sua família e seu Egbé (comunidade) como explica Stela Guedes Caputo (ano, p,2)

Reafirmando essa ideia de Caputo, há exatos três anos atrás, em um ritual de axêxê, ouvir de Gilson da Cruz (meu babalorixá), que "em nossa casa celebramos aos mortos, porque mesmo com sua não existência física, eles não nos abandonam, eles continuam em nosso terreiro

cuidando da casa e de cada um de nós, deles também partem os "sim" e os "não" em nossas permissões litúrgicas".

Diferenciando-se do culto na Ilha de Itaparica, onde SANTOS (2012) explica que tanto o culto é somente liderado por homens quanto os ancestrais brasileiros e africanos só podem ser espíritos de homens, Pai Gilson afirma que ,em sua casa, o culto está envolvido numa determinada quebra do patriarcado e machismo envolvidos uma vez que " no interior de nosso terreiro, em nosso culto a morte, cultuamos os eguns de nossos familiares de santo, nossos antepassados, as pessoas de nossa linhagem que contribuíram para o seguimento da trajetória de nossa forma de culto. Os eguns de homens e mulheres que estão embutidos nesse meio, aqui cultuamos ambos os sexos, pois não existiria candomblé sem mulheres, e por que não cultua-las depois de mortas assim como os homens?"

8. CRONOGRAMA

2019 / 2020	1 SEMESTRE	2 SEMESTRE	3 SEMESTRE	4 SEMESTRE
Levantamento bibliográfico	X			
Coleta de dados	X	X		
Pesquisa de campo	X	X		
Análise de dados		X		
Redação do trabalho			X	
Revisão e entrega da redação				X
Defesa				X

REFERÊNCIAS

- BRAGA, Julio. **Ancestralidade Afro-Brasileira: O culto de Babá Egum**. Salvador: Ed. EDUFBA, 1995. Disponível em: https://books.google.com.br/books/about/Ancestralidade_afro_brasileira.html?id=4BxPAQA-AIAAJ&redir_esc=y. Acesso em 18/06/18.
- Babá Agboula-Egungun, Ivo Luciano. **Youtube** 12 de dez de 2015. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=gGijMpb806Y>. Acesso em: 20/09/18.
- CAPUTO, Stela Guedes. **Tecer o opá sagrado, a temporária casa da morte: saber que o pai ensina ao filho nos terreiros de egun**. Disponível em: <http://33reuniao.anped.org.br/33encontro/app/webroot/files/file/Trabalhos%20em%20PDF/GT12-6934--Int.pdf> . Acesso em: 26/09/18
- CONCEIÇÃO, Joanice Santos. **Desvelando masculinidade e feminilidade no culto de babá egum**. São Paulo 2011. Disponível em: http://fazendogenero.ufsc.br/9/resources/anais/1277560250_ARQUIVO_DESVELANDOMA_SCULINIDADE.pdf. Acesso em: 15/07/2018.
- LUZ Marco Aurélio. **Ancestralidade e simbologia: 25 anos do Ilê Asipá**. Salvador: EDUFBA, 2008. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/291141059/Ancestralidade-e-Simbologia> Acesso em 25/09/18.
- LIMA, Ronnei Prado. **O égbé do culto aos ancestrais: uma análise histórica das comunidades de bábá egúngún, o egbé de bábá oba èrín em recife e do agbónlá em itaparica e o mundo atlântico entre recife, salvador e lagos no período de 1820 a 1930**. Disponível: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/cadernosdehistoriaufpe/article/view/110105/22018>. acessado em 30/09/18.
- MACEDO Fabio Velame. **CORPOS NÔMADES: o cortejo da festa da bandeira em ponta de areia**. Disponível. Em <http://www.corpocidade.dan.ufba.br/arquivos/resultado/ST1/FabioMacedoVelame.pdf>. Acesso em 13/06/18.
- OLIVEIRA, Eduardo David de. **Filosofia da ancestralidade como filosofia africana: Educação e cultura afro-brasileira**. Revista Sul-Americana de Filosofia e Educação. Número 18: maio-out/2012, p. 28-47.
- PASSOS, Marlon Marcos Vieira. **Yá Zulmira de Zumbá: Uma trajetória entre nações de candomblé**. Salvador tese de doutorado UFBA, 2016. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/23894/1/Tese%20Marlon%20versao%20Nicolau-LN%20%28REESCRITA%20CORRE%C3%87%C3%83O%29.pdf>. Acesso em: 08/09/2018.
- PASSOS, Marlon Marcos Vieira. **Oiá Bethânia: amalgama de mitos**. Salvador Faculdade de Comunicação UFBA 2004 Disponível em: <https://www.yumpu.com/pt/document/view/14535675/monografia-faculdade-de-comunicacao-da-ufba-universidade-/2>. Acesso em : 18/04/2018.

RABELO Miriam C. M. **Aprender a vê no candomblé**. Porto Alegre, Horizontes Antropológicos, ano 21, n. 44, p. 229-251, jul./dez. 2015. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/ha/v21n44/0104-7183-ha-21-44-0229.pdf>, acessado em 15/05/2018.

SANTOS, Cassio Oliveiras dos. **O culto dos ancestrais**: Escritos sobre a religião dos eguns na Bahia. Salvador: UFBA, 2011.

SANTOS, Deoscoredes M.; SANTOS, Juana E. **O Culto dos Ancestrais na Bahia**: O Culto dos Eguns. 1969. In: MOURA, Carlos E. M. (org.), Olorisa, escritos sobre a Religião dos Orixás. 01.ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2011.

SANTOS, Juana Ebaien dos. **Os Nagôs e a Morte**: padê, àsèsèe o culto egun na Bahia.. 14. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

II Seminário Ntambi, Axexê e Sínhún - Arrundegi Ojé Deiy, Ogã Jácanã Gonçalves. **Youtube** 16 de dez de 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=b7udtvaOyoA>. Acesso em 13/06/18.

URIARTE Urpi Montoya. **Podemos todos ser etnógrafos?** Etnografia e narrativas etnográficas urbanas1. Disponível em: http://www.redobra.ufba.br/wp-content/uploads/Redobra_10_22.pdf. Acessado em 10/10/18.

VELAME, Fábio Macêdo. **CORPOS NÔMADES: O CORTEJO DA FESTA DA BANDEIRA EM PONTA DE AREIA**. Disponível em: <http://www.laboratoriourbano.ufba.br/wp-content/uploads/arquivos/arquivo-50.pdf>. Acesso em 15/08/18.

VELAME, Fábio M. **A Arquitetura do Terreiro de Candomblé de Culto aos Egum: O Omo Ilê Aboulá um Templo da Ancestralidade Afro-Brasileira**. Salvador: Faculdade de Arquitetura da UFBA, 2007. Disponível em: <http://www.arqpop.arq.ufba.br/arquitetura-do-terreiro-de-candombl%C3%A9-de-culto-aos-eguns-o-omo-il%C3%AA-aboul%C3%A1-um-templo-da-ancestralidade>. Acesso em 15/08/18

VELAME, Fabio M. O Lessayn: **O Coração de um Terreiro de Egum**. **Revista Eletrônica da Palmares**, v.06, p.01-15, 2006. Disponível em: <https://docplayer.com.br/8751969-Sessao-tematica-01-cidade-imaterial-titulo-corpos-nomades-o-cortejo-da-festa-da-bandeira-em-ponta-de-areia-autor-fabio-macedo-velame.html>. Acesso em: 15/07/2018.